

O RETORNO À ESSÊNCIA DIVINA: RITUAL INICIÁTICO NO USO RELIGIOSO DA AYAHUASCA

João Paulo Pereira Zanelaⁱ

Introdução

O presente artigo trata de compreender na experiência religiosa no uso da ayahuasca, os processos iniciáticos do *homo religiosus*, no Centro de Harmonização Interior Essência Divina/PA.

Para tanto, se verificou que a utilização da ayahuasca, na iniciação religiosa, instaura relações de natureza integrativa e purificadora, em um constante (re)ordenamento nos processos vivenciais do *homo religiosus*. Essas vivências são inseridas no universo transcendental do sujeito, constituindo, a partir dos processos da beberagem, a imersão do *homo religiosus* ao sagrado, através da expansão da consciência no âmbito da experiência religiosa.

Assim, através da experiência religiosa e suas vivências significativas, este artigo busca contribuir para novas possibilidades de análise simbólica sobre as formas de expressão do fenômeno religioso.

A Iniciação Xamânica

Nos estudos sobre os rituais de passagem, nas obras *O Sagrado e o Profano* (1992) e *Tratado de História das Religiões* (1998), Mircea Eliade entende que a iniciação tem, nas sociedades arcaicas, a função de regulamentar o status do neófito.

No *Tratado de História das Religiões* o autor observa na iniciação o objetivo da sacralidade e consagração do *homo religiosus*, o sentido da *hierofania* e a importância do ritual neste processo. Seguindo este sentido Eliade conclui

A sacralidade é, em primeiro lugar, *real*. Quanto mais religioso é o homem, mais real ele é, e mais ele se desvia da irrealidade de um devir privado de significação. Daí a tendência do homem para “consagrar” toda a sua vida. As hierofanias sacralizam os cosmos, os ritos sacralizam a vida. Esta sacralização pode também ser obtida de maneira indireta, isto é, pela transformação da vida num ritual. (ELIADE, 1998, p. 374)

Eliade assinala duas dimensões nos ritos de passagem, sendo o primeiro o da puberdade, em que o indivíduo passa de uma idade para outra, e o outro seria o

nascimento, o casamento e a morte, compreendendo se tratar de uma iniciação, de um processo iniciático, mas ambos os casos envolve uma mudança radical do indivíduo na estratificação social de sua comunidade. Segundo Eliade

Não nos cabe expor aqui as cerimônias iniciáticas em toda sua complexidade. Nosso objetivo é mostrar que, já nos estágios arcaicos de cultura, a iniciação desempenha um papel capital na formação religiosa do homem, e, sobretudo, que ela consiste essencialmente numa mudança do regime ontológico do neófito. Ora, este fato parece nos muito importante para a compreensão do homem religioso: mostra nos que o homem das sociedades primitivas não se considera “acabado” tal como se encontra ao nível natural da existência: para se tornar um homem propriamente dito, deve morrer para esta vida primeira (natural) e renascer para uma vida superior, que é ao mesmo tempo religiosa e cultural. (ELIADE, 1992, p. 90)

Em outra obra Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase (2002), Eliade ao escrever sobre as iniciações xamânicas, percebe uma dupla instrução para o reconhecimento de uma xamã: uma seria de ordem extática, percebida por sonhos, transe ou visões e outra de ordem instrutiva, como técnicas rituais, nomes e funções dos espíritos, mitologia. E conclui que

“Às vezes a iniciação é pública e constitui por si só um ritual autônomo. Mas a ausência de um ritual desse gênero não implica de modo algum ausência de iniciação: esta pode muito bem ter ocorrido em sonho ou durante o êxtase do neófito.” (Eliade, 2002, p. 26)

Neste sentido se faz presente características xamânicas, na iniciação ayahuasqueira, como a morte, o renascimento e a ida ao céu ou vôo mágico.

Esse vôo mágico traduz ao mesmo tempo a autonomia da alma e do êxtase. Isso explica o fato de esse mito ter-se integrado em complexos culturais tão diferentes: feitiçaria, mitologia do sonho, cultos solares e apoteoses imperiais, técnicas do êxtase, simbolismo funerário etc. Também é encontrado em relação com o simbolismo da ascensão. Esse mito da alma contém em ger-me toda uma metafísica da autonomia e da liberdade espirituais do homem; é nele que se deve buscar o ponto de partida das primeiras especulações sobre o abandono voluntário do corpo, sobre a onipotência da inteligência, sobre a imortalidade da alma humana. (ELIADE, 2002, p. 520)

As religiões ayahuasqueiras são de matiz indígena e inclui o uso de uma bebida chamada ayahuasca. A palavra ayahuasca, etimologicamente de origem quíchua é

composta da junção de duas palavras: Aya e Waska. Aya significa espírito de pessoa, alma e Waska significa cipó ou trepadeira. Com a junção dessas duas palavras sua expressão mais próxima seria “Cipó das Almas” (LUNA, 1986, p. 73-4), ou seja, um caminho possível entre o mundo material e o mundo espiritual do ser humano. A utilização milenar dessa bebida, de origem indígena, por grupos humanos, sempre esteve ligada a uma forma de comunicação com o mundo espiritual, forma essa que liga a dimensão da matéria com a realidade invisível.

O Despertar Interior

O processo de iniciação ayahuasqueiro tem em sua origem os traços comuns aos esquemas de iniciações xamânicas. Isso significa que podem ocorrer experiências de isolamento, sofrimento, morte e renascimento, sendo neste momento anterior ao ritual iniciático, percebido pelo neófito como um *chamado*, um *despertar interior* durante a experiência religiosa no uso da ayahuasca.

Luiz Eduardo Soares (1994) percebeu na experiência no uso religioso da ayahuasca uma “Nova Consciência Religiosa”, propondo refletir seus significados a partir da experiência extática. Neste contexto Dilma Ribeiro, em dissertação sobre os aspectos culturais da oralidade na União do Vegetal, reflete nessas práticas

(...) uma nova forma de fazer e de viver a religião e a religiosidade, a busca do contato com o sagrado, na contemporaneidade. Uma forma que se inscreve no modo de abertura à experimentações místico-rituais, ao esoterismo, à vivências comunitaristas, à terapia alternativas de tratamento do corpo, da mente e, porque não dizer, da “alma”; ao contato mais próximo com o meio “natural”. (RIBEIRO, 2009, p. 64)

No Centro de Harmonização Interior Essência Divina, o despertar interior compreende o fenômeno adquirido nas primeiras experiências extáticas, no uso do vegetal, sendo nestas vivências individuais o despertar do *homo religiosus* para sua realidade sagrada. É neste contexto que o *homo religiosus* transcende da dimensão profana para a realidade sagrada, significando no espaço ritual, o *templo divino*, espaço o qual se ambienta a experiência religiosa. Para Eliade é nesta realidade, manifestada na *hierofania*, em que está presente o sagrado.

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de

indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. (ELIADE, 1992, p. 13)

No caso estudado, o ritual comporta uma bebida conhecida cientificamente como Ayahuasca. Esta bebida contém um psicoativo, em que é utilizada na *hierofania*, para efeito de concentração mental. Em contextos doutrinários, a ayahuasca é comumente denominada como vegetal, hoasca ou daime. Neste caso, a bebida no Essência Divina, não é concebida como um alucinógeno. A palavra alucinógeno possui uma cognição negativa na sociedade, podendo neste caso, de conceituar o uso religioso da ayahuasca, ocorrer em um reducionismo farmacológico. Neste sentido, autores como MacRae (1992) preferem utilizar o termo enteógeno, palavra esta que deriva de *entheos*, que significa *deus dentro*. No artigo, vamos chamar a bebida de vegetal, balisando seu uso ritual no Essência Divina.

Seguindo a análise de Eliade, podemos perceber que o uso do vegetal no Essência Divina, a bebida é sacralizada em um conjunto de símbolos, sendo concebida como a própria divindade, ou Deus manifesto.

No ritual de iniciação no Essência Divina, esta experiência extática é fundamental para a posterior iniciação do neófito, pois é nesta que fundamenta e confirma a intenção do fardamento, ou seja, a iniciação, na cerimônia pública.

O mistério da iniciação revela pouco a pouco ao neófito as verdadeiras dimensões da existência: ao introduzi-lo no sagrado, a iniciação o obriga a assumir a responsabilidade de homem. É importante ter este fato em mente: o acesso a espiritualidade traduz-se, em todas as sociedades arcaicas, por um simbolismo da morte e de um novo nascimento. (ELIADE, 1992, p. 120)

O Fardamento no Essência Divina é o momento em que o visitante comunica a decisão de ingressar na comunidade. Neste caso, o neófito após experiências significativas no uso religioso da ayahuasca, compreendendo sentir uma espécie de *chamado* vivenciado nas sessões em que participou como visitante, deseja se integrar à comunidade religiosa em questão. É neste *chamado* manifesto na intenção de fardar-se que ocorre o processo de

iniciação hoasquero, e seu significado doutrinário é concebido pelo *homo religiosus* como um *despertar interior*, um *despertar da consciência*, revelando ao neófito em um profundo processo de autoconhecimento

(...) re-significadores do homem e, por extensão, do mundo. E é neste contexto que se inscreve também o fenômeno do chá, com uma proposta religiosa que tem por base a volta do homem à natureza e a correspondente busca de sentido para a existência concreta, a partir de uma consciência de si, em harmonia com o cosmo. (ANDRADE, 2002, p. 502)

Quando decide se fardarⁱⁱ, o neófito formaliza no ritual suas experiências no uso religioso do vegetal e neste contexto expressa de forma direta e oral, sua intenção de fardamento naquela comunidade. Este discurso, direcionado ao mestre dirigente e ao corpo religioso presente naquela sessão, é construído de forma agregadora. Para o neófito, esta experiência religiosa abrange vivências significativas de natureza restauradora, aspectos de curas físicas ou espirituais, transformações e sentimentos integrativos em relação à sua origem, ao retorno à sua verdadeira casa. Andrade colabora com esta análise ao perceber, no fenômeno no uso do chá na União do vegetal, a experiência religiosa de origem sagrada e integrativa.

Neste oásis, os hoasqueiro redescobrem em si mesmos aquele “elo perdido” o qual se manifesta na existência significativa em uma comunidade que proporciona a uma vez a possibilidade de uma retomada da consciência de si e a sintonia com todo o manifesto nos símbolos colhidos junto à natureza. É aqui que aquele “elo perdido” pode ser religado, na medida em que se alça vôo em direção de si mesmo, pois o “eu” do hoasqueiro parece se externar, mais que num testemunho de “boas novas”, numa alegria do reencontro consigo mesmo. (ANDRADE, 2002, P. 92)

No ritual do presente artigo, a iniciação é concebida como uma festa de acolhimento de um novo irmão, ou irmã, à igreja do Essência Divina. O Essência Divina é localizado em um sítio, em Marituba, região metropolitana de Belém do Pará, e a palavra igreja aqui empregada tem um sentido agregador, sentido este que contempla um amplo espaço entre o *salão do vegetal* (espaço solene em que se realizam às sessões) e a natureza circundante (esta composta de jardins, inúmeras árvores de açaí, igarapé e plantação de cipós e arbustos da folha chacrona), formando o espaço sagrado desta comunidade.

Centro de Harmonização Interior Essência Divina

No uso religioso do vegetal no Essência Divina, a sua doutrina tem por base o cristianismo sincretizado com tradições indígenas, africanas e hinduístas, ligadas à concepções como a Nova Era. O Essência Divina pertence a uma recente tradiçãoⁱⁱⁱ nas religiões ayahuasqueiras, que sincretizam em seus rituais, as práticas ritualísticas da União do Vegetal, com o ritual de hinário do Santo Daime. Beatriz Labate em sua dissertação de mestrado entendeu nessas concepções, novas ordenações às práticas religiosas no uso da ayahuasca, tendo que nessas emergentes religiões

(...) operaram novas sínteses a partir da influência de diversas tradições, sendo produto e produtoras de uma *matiz cultural específicas*, a da *religiosidade brasileira* em geral. A última compreende um modo particular de operar ecletismos e combinar tradições religiosas diversas. (LABATE, 2000, p. 42)

O sincretismo ayahuasqueiro, no Essência Divina é uma realidade não só a partir dos principais troncos tradicionais no uso religioso da ayahuasca, mas também reconhecidos e resignificados a partir das diversas tradições religiosas, presentes na “*religiosidade brasileira em geral*”.

A propósito, é significativo que as religiões ayahuasqueiras, em grau maior ou menor, apresentem “traços” da umbanda em combinação com o uso “seringueiro” de uma bebida de origem indígena. Isso é significativo porque os usos urbanos da ayahuasca, realizando uma síntese das religiões ayahuasqueiras com a Nova Era, evocam a síntese operada pela umbanda entre o kardecismo (cientificista, francês e urbano) e o culto dos orixás (animista, africano, rural), com a presença de possíveis idéias e práticas do xamanismo indígena. (LABATE, 2000, p. 42)

Estas novas formas de resignificação são expressivas, pois a expansão do uso da ayahuasca no Brasil deve ser analisado como um fenômeno urbano, fenômeno este relacionado ao caráter religioso em que ocorreu a expansão da ayahuasca no Brasil. Posteriormente, o uso da ayahuasca foi difundido em várias terapias e demais usos, contudo no ritual pesquisado, se percebe um contexto religioso, doutrinário inserido em práticas ritualísticas, significadas a partir de cosmologia própria (unificação) sincretizadas em outras tradições ayahuasqueiras.

O Retorno à Essência Divina

A experiência religiosa no universo ayahuasqueiro proporciona, além do sincretismo entre tradições religiosas de diversas matizes, vivências significativas de integração e imersão à natureza. No Essência Divina a natureza é sacralizada em um conjunto doutrinário de símbolos e mitos, vivenciados na experiência religiosa. Neste sentido Eliade percebe que a sacralidade da natureza, estrutura a epifania cósmica em um “organismo real, vivo e sagrado” em que a Terra “mostra-se como mãe e nutridora universal”. (ELIADE, 1992, p. 59)

É preciso não esquecer que, para o homem religioso, o “sobrenatural” está indissolavelmente ligado ao “natural”; que a Natureza sempre exprime algo que a transcende. Como já dissemos, uma pedra é sagrada e venerada porque é sagrada e não porque é pedra; é a sacralidade manifestada pelo modo de ser da pedra que revela sua verdadeira essência. (IDEM, p. 59)

Neste sentido, a iniciação no uso do vegetal, constitui na experiência religiosa uma construção simbólica da manifestação do sagrado nas vivências estimulada pela beberagem. Para apreender este processo transcendental do *homo religiosus*, no universo ayahuasqueiro é preciso um olhar fenomenológico sobre o objeto estudado a partir das vivências intencionais do sujeito. José Severino Croatto (2004) propõem análise do fenômeno a partir de uma abordagem da experiência religiosa e seus processos de *hierofania* pelo *homo religiosus*.

A tarefa do fenomenólogo é a de decifrar o sentido profundo de cada hierofania, de descrever sua morfologia e sua tipologia para entender seu significado, ou seja, como o sagrado é vivido na hierofania. O comportamento do ser humano religioso é o espelho de sua experiência do sagrado. Tal comportamento manifesta-se em seus símbolos, mitos e ritos, que têm relação com sua vida concreta e histórica, mas enquanto relacionada com acontecimentos originários e instauradores. (CROATTO, 2004, p. 57)

A bebida, em sua composição química, causa efeitos purgativos que podem, ou não, ser manifestado na *hierofania*. Assim, o uso da beberagem favorece à processos compreendido como *limpeza*. Esta *limpeza* é considerada um caminho a ser percorrido, sendo necessário para possíveis curas físicas, psíquicas e espirituais, e podem ser refletidas nos processos de expansão da consciência na experiência religiosa.

Numa perspectiva da Antropologia da Saúde MacRae observou

Tomar *ayahuasca*, que também é conhecida como *la purga*, é concebido como uma maneira de “pôr para fora” as doenças, estados de espírito negativos e outras fontes de problemas e infortúnios. A confiança nas qualidades profiláticas que lhe são atribuídas, aliada à experiência do seu efeito emético e catártico, sem dúvida contribui muito para a criação de uma sensação de “limpeza” e o clima de alegria e descontração que reina entre os participantes após a sessão. (MACRAE, 1992, p. 54)

A manifestação do sagrado é experimentado nos rituais do Essência Divina, em um contexto de *purificação espiritual*. Esta compreensão é importante, pois a bebida ayahuasca abrange uma beberagem e, esta acompanhada de uma dimensão doutrinária, o “vegetal”, ocorre vivências de natureza curativa. No Essência Divina tais aspectos de cura compreende o retorno do *homo religiosus* à sua verdadeira essência, a sua “essência divina”.

Conclusão

A iniciação no Essência Divina, observado da experiência religiosa abrange aspectos significativos das vivências intencionais, enquanto percebidas na realidade sagrada dos sujeitos envolvidos. Para Eliade é significativo, pois na iniciação do *homo religiosus* “O iniciado não é apenas um “recém nascido” ou um “ressuscitado”: é um homem que sabe, que conhece os mistérios, que teve revelações de ordem metafísica” (ELIADE, 1992, p. 91)

Neste sentido, podemos concluir que o uso da ayahuasca, em contexto religioso no Essência Divina, têm nos processos de expansão da consciência o encontro com o sagrado e a busca de autoconhecimento pelo *homo religiosus*. É nesta abordagem do fenômeno, que compreende a iniciação religiosa no Essência Divina, que se encontra a experiência religiosa e seus significados na manifestação do sagrado e religioso.

Bibliografia

ANDRADE, Afrânio Patrocínio. O fenômeno do chá e a religiosidade cabocla: um estudo centrado na união do vegetal. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1995.

_____. Contribuições e limites da União do Vegetal para a nova consciência religiosa. In: Labate e Sena (Orgs.) O uso ritual da ayahuasca. São Paulo: Mercado das Letras, 2002, p. 543-567.

CROATTO, Jose Severino. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução a fenomenologia da religião. São Paulo – SP: Paulinas, 2004.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Tratado de história das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LABATE, Beatriz Caiuby. A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Unicamp, Campinas, 2000.

LUNA, Luis Eduardo. Vegetalismo: *shamanism among the mestizo population of the peruvian amazon*. Stockholm, Sweden, Almquist and Wiksell International, 1986.

MACRAE, Edward. Guiado pela lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do santo daime. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RIBEIRO, Dilma Lopes da Silva. A busca de *si* numa religião hoasqueira – oralidade, memória e conhecimento na união do vegetal (UDV). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UFPA, Belém, 2009.

ⁱ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará, na linha de pesquisa Hermenêutica das Linguagens da Religião no Contexto Amazônico. E-mail: joaozanela@gmail.com

ⁱⁱ Neste caso, presenciei um pedido de fardamento. O neófito ao fazer um agradecimento à comunidade por estar participando das sessões do grupo, expõe, em caráter de depoimento, percepções relacionadas com as vivências na comunidade. Neste caso pude presenciar o fala do neófito. Este externaliza ao grupo que no decorrer da semana, em sua rotina familiar, quando se aproxima para o dia da sessão “a alegria vai tomando conta de mim”, afirmando na experiência religiosa “um grande sentimento de amor” vivido nos rituais da Essência Divina.

ⁱⁱⁱ Esse fenômeno ficou conhecido como “Linha da Unificação”, um sincretismo religioso como fusão entre duas tradições religiosas ayahuasqueiras. É um fenômeno recente, com pouco mais de vinte anos em que originalmente adaptam os ensinamentos das linhas tradicionais à vivências holísticas e relacionais entre seus adeptos.